



Lauro António

Filmes que Eu Amo, III

Masterclass de História do Cinema

Sessão 15 – 7 de setembro de 2021 | OITO VIDAS POR UM TÍTULO (1949)

1. O CINECLUBISMO

O primeiro texto que escrevi para um cineclube foi sobre “Kind Hearts and Coronets”. Era eu então estudante na Faculdade de Letras de Lisboa, sócio do Cine Clube Universitário e, como já nessa altura há muito que escrevia para jornais e revistas, fui convidado pela direcção do cineclube a escrever um texto para o programa que era distribuído gratuitamente aos sócios durante as sessões semanais, que decorriam no cinema Imperial, perto da praça do Chile, precisamente na rua Francisco Sanches.

Era a sessão 178 de um ciclo dedicado a “A Comédia”, com exibição no dia 30 de Outubro de 1963. Em anexo, podem ver-se reproduções desse programa, que era então impresso em tipografia, numa folha ao largo, de cor acinzentada. Não consegui localizar nos meus arquivos nenhum exemplar (que tenho, mas onde?) e socorri-me da Fundação Mário Soares, que coloca à disposição do público digitalizações de muita documentação de carácter político, social ou cultural, anterior ao 25 de Abril.



Kind Hearts and Coronets



Robert Hamer

OITO VIDAS POR UM TÍTULO

Titulo original: KIND HEARTS AND CORONETS. Realização: ROBERT HAMER. Argumento, adaptação e diálogo: ROBERT HAMER, J. DIGHTON baseado no romance de BOY HORNBAM; Planificação: ROBERT HAMER; Operadores: DOUGLAS SLOCOMBE e JEFF SEAHOLME; Música: Aris «It's me there instant» de «O Judo do Maratã interpretado pela «The Philharmonic Orchestra dirigida por ERNEST IRWING; Intérpretes: DENNIS PRICE (Louis d'Ascoyne); VALERIE HOBSON (Edith); JOAN GREENWOOD (Sibella); ALEC GUINNESS (Duque, banqueiro, archetipo general, o irmão d'Ascoyne, Henry, Lady Aphée e o ministro); JOHN PENROSE (Lionel) e ainda ANDREY FIELDS, MILLS KAMMEL, HUGH GRIFFITHS, JOHN SALEM. Produção: MICHAEL BALCON e MICHAEL RELPH — EALING STUDIOS.



COMENTARIO:

Quando se fala de cinema inglês e de humor inglês, há algumas películas, entre muitas outras, que nos ocorrem imediatamente à memória: «O Quinteto era de cordas» (The ady killers — 1956), «A culpa foi do whisky» (Whisky galore — 1948), «O homem do fato claro» (The man in the white suit — 1951), e «Loucuras de milionário» (The Maggie — 1954) todas de Alexandre Mackendrick, «Passaporte para o paraíso» (Passaport to Pimlico — 1949) de Cornelius, «Oito vidas por um título» (Kind Hearts and coronets — 1949) de Robert Hamer ou ainda mais recentemente «A verdade em primeira mão» (The horse's Mouth — 1958) de Ronald Neame.

Todas elas, de uma maneira ou de outra, correspondem e reflectem fielmente, o que se convencionou já chamar «humor britânico».

1. Todo o humor nasce dum desacordo, dum desajustamento entre duas acções ou, por exemplo, entre uma acção dramática e o comportamento grotesco de quem a vive. Desde o humor americano dos anos trinta, com o substancial pastelão na cara ou as sensacionais perseguições, passando pelo tom amargurado de Charlot, pelo «ar superior» e a indiferença de Cantinflas, pelo gag intelectualizado de Tati, até chegarmos ao cómico britânico subtil e fino, todo o humor nasce e desenvolve-se a partir duma situação de desequilíbrio, onde se sente o ridículo do não usual, do ilógico.

Cantiflas de calças ao fundo da barriga, Charlot de pés abertos e bengala, Tati de ar aéreo e a ingenuidade de Abbott e Costello e o truculentismo de Bucha e Estica ou a cara de pau de Pamplinas são elementos que, só por si, despertariam sorrisos. Mas as gargalhadas ocorrem quando a esses personagens se lhes opõe a sociedade em que é costume vivermos. Só integrados dentro duma sociedade e condicionados pelos seus costumes, os cómicos são completa e plenamente cómicos. E só vistos por membros dessa sociedade é que os gags conseguem despertar toda a graça que potencialmente encerram.

O humor inglês é, como todos os demais, uma forma característica de fazer sorrir, mediante certos dados que a sociedade inglesa lhe confere.

2. Os ingleses têm fama de fleumáticos, serenos e imperturbáveis. O «chá-das-cinco» e o conservantismo em política (muito embora todos os Profumos e outros escândalos congêneres) são tradicionais, como tradicional é o render da guarda na torre de Londres. Tudo se processa dentro duma linha de aparente aristocracia e a monarquia britânica é mantida, da mesma maneira, por que é conservada uma velha reliquia que nos dá prazer ver desfilar em paradas.

O humor inglês, apesar de subtil, fino e de grande sensibilidade, feito de nuances e subentendidos é igualmente, profundo e devastador, quando critica os costumes e as instituições. Isto explica em certa medida, o maior êxito que tais películas alcançaram no estrangeiro e o relativo insucesso que sentem na Grã-Bretanha. Neste particular, «Oito vidas por um título» representa um dos exemplos mais perfeitamente logrados da sátira de costumes.

3. Louis d'Ascoyne escreve numa cela de prisão as memórias, enquanto espera o momento da sua execução, condenado por assassinato.

— Sua Mãe, filha do Duque de Chalfont morreu, doente e pobre, por ter ido contra a vontade paterna e casado com um simples cantor de ópera. Louis, que é empregado numa loja de fazendas, após a morte de sua Mãe, jura vingar-se e ascender ao título de duque de Chalfont, pelo que tem de eliminar, metódicamente, alguns membros da sua árvore genealógica. E a sua carreira inicia-se corajosamente: o jovem Ascoyne morre afogado, quando passeava idilicamente de barco; Henry d'Ascoyne explode no seu laboratório fotográfico (e para cúmulo Louis apaixonou-se bondosamente pela mulher — Edith); o reverendo bispo d'Ascoyne aparece envenenado com uma dose forte de Porto; etc.

Entretanto, Louis (já duque) envolve-se numa questão com o marido de Sibella, uma sua antiga conquista e é preso, acusado de o ter assassinado (o que na verdade é mentira!). Os juízes perante as provas condenam-no à morte. Porém, Sibella promete salvá-lo, entregando a declaração de suicídio do marido, se Louis prometer liquidar Edith, o que este faz sem escrúpulos.

Flash-back do filme termina e vê-se, na noite de execução, Louis sair em liberdade. Mas — fatalidade! — esquece-se das suas memórias na sela...

4. O humor, em «Oito vidas por um título», é sugerido por diversos processos, mas o filão mais explorado e que se revela de importância primordial é o *humor negro*. Brincar com a morte em terra britânica é proeza de vulto. «O quinteto era de cordas» voltaria a tocar a mesma tecla igualmente com sucesso.

Por outro lado é-nos dado nesta película um interessante retrato da aristocracia inglesa. A família dos Ascoyne, quase completamente exterminada, é-o na medida da sua total inutilidade. O snobismo, a futilidade, o cinismo, o jogo de bastidores, são outros tantos elementos em que os seus membros lamentavelmente, se revelam perfeitos conhecedores. Os preconceitos (que originam toda a história, pois que foi por preconceito que o duque de Chalfont expulsou a filha de casa por esta casar com um cantor) são outro alvo para Robert Hamer, que nos dá apontamentos de grande interesse satírico.

5. Robert Hamer nasceu em Kidderminster em 1911. Começou a colaborar no cinema como montador, entre 1938 e 1945, em obras de Erik Pommer, Charles Freund e Alfred Hitchcock. Em 1945, sob a direcção de Cavalcanti, estreia-se na realização de um pequeno episódio no célebre «No coração da noite» (Dead of the night). Em 1948 dirige «It always rains on sunday» e em 1949 «Oito vidas por um título», que é considerada a sua obra-prima. As suas películas seguintes conseguem um nível interessante, mas não se igualam ao seu melhor. Realiza em 1954 «Father Brown», em 1955 «To Paris with love» e em 1959 «The scapegoat».

A realização de «Kind hearts and coronets» é um exemplo do filme sóbrio, sem efeitos gratuitos, de construção funcional. Não há elementos técnicos sobrepondo-se a outros, nem formalismos estereis, pretendendo sublinhar a acção. Os planos sucedem-se em simples encadeados e o que se nos oferece dizer é fazer sobressair essa sobriedade britânica e chamar a atenção para a segurança de uma montagem que se nos afigura portadora de um ritmo preciso e conciso.

6. Na interpretação desta obra há que destacar Dennis Price, na figura de Louis, senhor dum cinismo, duma galanteria e duma *aparência*, verdadeiramente imperturbável. O seu ar inocente, movendo-se completamente à vontade entre vários cadáveres é brilhante e... britânico.

Mas o êxito da película deriva em grande parte de Alec Guinness, o «homem das oito caras», como então se lhe chamou. Alec Guinness é portentoso e demonstrou à saciedade os seus extraordinários dotes de composição, dando *show*, interpretando oito personagens diversos e dando a cada um vida própria.

Só para ver Alec Guinness valia a pena ver «Oito vidas por um título», se não houvesse outros motivos de que já aqui falamos.

LAURO ANTÓNIO



O cinema Imperial tem uma história curiosa. Foi inaugurado em 1 de Outubro de 1925, na Rua Francisco Sanches, no bairro de Arroios. Era composto por 737 lugares, distribuídos por 132 nos balcões; 69 fauteils; 504 cadeiras na plateia e 8 camarotes com 4 lugares cada. Nessa altura chamava-se Pathé e era cinema de estreia. Ainda segundo o blogue “Restos de Colecção”, informações que se reproduzem noutro blogue, “lisboadeantigamente”, “em 1931 são feitas obras de beneficiação, nomeadamente na estrutura da sala, actualizado o equipamento e instalado um sistema que iria permitir a exibição de filmes sonoros, passando a denominar-se Imperial Cinema”. Foi reconstruído em 1956 pelo arquitecto Fernando Silva, autor do projecto do Cinema São Jorge, tendo mantido nessa altura o nome de Imperial Cinema. É um dos mais importantes cinemas de bairro de Lisboa, afirmando-se como sala de continuação de estreia ou “reprise”. Em 1973, passa de sala de “reprise” a

novamente “cinema de estreia”, recuperando a designação original de Pathé. Na década de 80, começou a perder público progressivamente, até ter encerrado as portas em 1987.

Nas décadas de 60 e 70, as sessões semanais de cineclubismo efectuavam-se em salas de cinema como o Imperial, ou o Avis ou o Jardim Cinema. Mas, complementando essa actividade dos cineclubes, existiam ainda sessões clássicas, como as do Cinema Império, organizadas por Jorge Pelayo, as Quinzenas do Bom Cinema, a que Artur Ramos dava o seu nome (e a que eu estive associado), no Monumental, mas ainda no Cinema Tivoli ou no Cinema Politeama, estas de cariz “romântico”, numa coordenação de Portal da Costa.

2. OITO VIDAS POR UM TÍTULO

No final da década de 40 e inícios da de 50 do século XX, um dos estúdios ingleses mais célebres, o Ealing Studio, produziu um conjunto de comédias verdadeiramente invulgar, pela qualidade do seu humor, pelas características absolutamente britânicas desse humor, pela excelência da representação (onde sobressaiu Alec Guinness, entre outros). Títulos como “Whisky Galore!” (1949), “Passport to Pimlico” (1949), “Kind Hearts and Coronets” (1949), “The Lavender Hill Mob” (1951), “The Man in the White Suit” (1951), ou “The Ladykillers” (1955) são considerados clássicos indiscutíveis do chamado humor inglês. “Oito Vidas por um Título”, “O Homem do Fato Claro” e “O Quinteto era de Cordas”, sobretudo estes três títulos, são indiscutíveis referências desta época do cinema britânico e, igualmente, do trabalho excepcional de um actor que muitos consideram dos melhores de sempre em todo o mundo, Alec Guinness.

“Oito Vidas por um Título” tem como título original “Kind Hearts and Coronets”, que é uma citação ligeiramente alterada de um poema de um dos mais prestigiados escritores ingleses, Alfred Lord Tennyson. O poema, “Lady Clara Vere de Vere”, surgiu integrado no livro de 1842, “The Lady of Shalott and Other Poems”, e podia ler-se assim: “Trust me, Clara Vere de Vere, / From yon blue heavens above us bent / The gardener Adam and his wife / Smile at the claims of long descent. / Howe’er it be, it seems to me, / ’Tis only noble to be good. / Kind hearts are more than coronets, / And simple faith than Norman blood.” O título da obra de Robert Hamer filia-se, portanto, neste poema de meados do século XIX, uma época vitoriana, onde os contrastes sociais eram imensos, a hipocrisia e a violência constantes.

O filme de Robert Hammer parte de um argumento escrito pelo próprio Robert Hamer, de colaboração com John Dighto, segundo romance de Roy Horniman, "Israel Rank: The Autobiography of a Criminal" (1907), que relatava a vida e as façanhas criminosas de um judeu de ascendência italiana, que confessara a autoria de vários crimes cometidos ao longo da vida numa sistemática vingança. O romance conheceu grande sucesso na época pelo tom cínico e irónico com que relatava as proezas amorais de um herói pouco provável.



O que nos dá o filme: em 1868, na cela de uma prisão londrina, na véspera da sua execução, Louis Mazzani (Dennis Price), duque de Ascoyne, escreve as memórias, remontando a tempos passados, quando a mãe se viu privada dos seus direitos de nobreza, como represália familiar por ter casado com um "simples" cantor italiano. Por causa disso, Louis Mazzani jura vingança e procura recuperar o posto nobilitário perdido, para o que precisa de "anular" oito membros da família Ascoyne. A narrativa é sóbria e delicada, contrastando em tudo com o narrado: um a um os vários possíveis pretendentes à sucessão vão sendo afastados do caminho, através de um pouco de veneno, um tiro de caçadeira, um pequeno naufrágio, uma morte natural, um balão atravessado por uma seta, uma explosão, uma colisão marítima, ou mesmo um apetitoso caviar... Há de tudo, um banqueiro, um padre, um capitão da marinha, um militar, uma senhora sufragista, um fotógrafo amador, e o mais espantoso é que os oito representantes da dinastia Ascoyne são todos interpretados brilhantemente por um único actor, Alec Guinness. De início, ele ia apenas interpretar quatro papéis, mas, à medida que foi interiorizando a família, acabou por a dominar por completo, com uma mestria invulgar. Guinness era já um actor célebre, mas este filme encarregou-se de projectar o seu talento, colocando-o entre os melhores actores do mundo. Diga-se que o filme conta ainda com duas outras representações dignas de referência, Dennis Price, no cínico e eficaz serial killer dos Ascoynes, e a belíssima Joan Greenwood, na figura da jovem Sibella, uma notável presença, senhora de uma voz absolutamente inesquecível.

Situando-se num período vitoriano, com a burguesia em ascensão, que se estabelecia como "middle class", limitada a norte pela "upper class", constituída por uma aristocracia em decadência, mas ainda vigorosa e a ocupar lentamente os lugares da alta finança e da governação, esta comédia de humor negro, mas de delicado e elegante humor (o que o torna ainda mais negro), é um retrato curioso dessa época. A família Ascoyne é um bom exemplo dessa aristocracia que domina, mas que se autodestrói pela ganância e pelos jogos de influência e de poder. Tudo com uma fleuma e uma discrição próprias da reserva britânica, ou não fosse o "humor negro" uma das características mais constantes da cultura inglesa.

Todos estes pormenores são descritos por Louis Mazzani, que os fixa numas "memórias" que pretende deixar para a posteridade. Espera-o a forca, na manhã seguinte, depois de ter sido acusado e sentenciado (injustamente, neste caso) pelo assassinato alguém que ele efectivamente não tinha morto. Quando o seu final se aproxima, ocorre o imprevisto, e uma nova reviravolta se anuncia. A ironia nunca se afasta desta obra que se torna de tal forma incómoda que nos EUA foi censurada, tendo-lhe sido amputados cerca de seis minutos e alterado o final (a ambiguidade do final inglês foi reduzida a um final mais politicamente correcto).



Claro que este filme, e seguramente a obra de Roy Horniman que lhe está na base, devem muito a “O Assassinato Considerado como uma das Belas-Artes”, de Thomas de Quincey, aparecido em livro em 1854, depois de ter surgido no “Blackwood's Magazine” em 1827, depois em 1839, acompanhado de uma continuação, e finalmente em volume, com um importante desenvolvimento dedicado aos crimes de John Williams. Essa visão do assassinato como uma “arte”, mais precisamente uma das “Belas-Artes”, reflecte esse humor muito próprio dos ingleses, e que este filme tão bem exemplifica (tal como outras obras de autores tão diversos de Hitchcock aos Monty Python). Diga-se, concluindo, que o título francês, “Noblesse Oblige”, se sente muito mais

apropriado do que o português “Oito Vidas por um Título”, demasiado prosaico e pragmático para traduzir correctamente o espírito desta comédia brilhante.

Não só no plano do assassinato o filme se mostra um tanto ou quanto iconoclasta. Na verdade, em 1949, o adultério não era actividade muito vista no cinema, e nunca antes fora mostrado numa das inúmeras películas produzidas pelos Ealing Studio, então dirigidos por Michael Balcon. Foi, pois, com alvoroço que o produtor viu o filme depois de rodado, descobrindo que Louis Mazzani, além de assassino, era igualmente um obstinado adúltero que mantinha com Sibella uma relação carnal (apenas sugerida no filme, mas sugerida de forma muito persuasiva e intensa), para lá desta ser casada com um amigo. Balcon ainda tentou remediar as coisas, mas Hamer era um realizador difícil de dobrar e manteve o filme intocável nesse aspecto.

A belíssima fotografia a preto e branco, de Douglas Slocombe, a direcção artística de William Kellner, e a ária “Il mio Tesoro”, da ópera “Don Giovanni”, de Mozart, são outros tantos motivos que levaram os inquiridos do British Film Institute, em 1999, a colocar “Kind Hearts and Coronets” em sexto lugar, entre os melhores filmes de sempre da cinematografia inglesa.



OITO VIDAS POR UM TÍTULO

Título original: Kind Hearts and Coronets

Realização: Robert Hamer (Inglaterra, 1949); **Argumento:** Robert Hamer, John Dighto, segundo romance de Roy Horniman; **Produção:** Michael Balcon, Michael Relph; **Música:** Ernest Irving; **Fotografia (p/b):** Douglas Slocombe; **Montagem:** Peter Tanner; **Direcção artística:** William Kellner; **Guarda-roupa:** Anthony Mendleson; **Maquilhagem:** Barbara Barnard, Harry Frampton, Pearl Orton, Ernest Taylor; **Direcção de produção:** Leigh Aman, Hal Mason; **Assistente de realização:** Norman Priggen, John Hewlett, David W. Orton; **Departamento de arte:** Grace Bryan-Brown, Norman Dorme, Roger Hopkin, Jack Shampam, V. Shaw, R. Thurgarland; **Som:** Stephen Dalby, John W. Mitchell, Norman King; **Efeitos especiais:** Geoffrey Dickinson, Sydney Pearson; **Companhia de produção:** Ealing Studios (An Ealing Studios Production); **Intérpretes:** Dennis Price (Louis), Valerie Hobson (Edith), Joan Greenwood (Sibella), Alec Guinness (a família D'Ascoyne: o duque / o banqueiro / o padre / o general / o almirante carrasco), Clive Morton (Governador da prisão), John Penrose (Lionel), Cecil Ramage, Hugh Griffith (Lord High Steward), John Salew (Mr. Perkins), Eric Messiter (Burgoyne), Lyn Evans, Barbara Leake, Peggy Ann Clifford, Anne Valery,

Arthur Lowe, Stanley Beard, Maxwell Foster, Peter Gawthorne, Molly Hamley-Clifford, Leslie Handford, Nicholas Hill, Fletcher Lightfoot, Cavan Malone, Laurence Naismith, Gordon Phillott, Jeremy Spenser, Ivan Staff, Richard Wattis, Carol White, Harold Young, etc. **Duração:** 106 minutos; **Distribuição em Portugal (DVD):** Lusomundo Audiovisuais; **Classificação etária:** M/12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 29 de Junho de 1950.